

FALEIROS, Álvaro. *Traducciones caníbales. Una poética chamánica del traducir*. Trad. Carolina Villada Castro. Medellín: Editorial Universidad de Antioquia, Ediciones Uniandes, 2019, 140 p.

Vássia Silveira¹
Universidade Federal de Santa Catarina

Impulso tradutório que atravessa parte das fronteiras das línguas entre o Brasil e os demais países da América Latina², a tradução para o espanhol do mais recente livro³ de Álvaro Faleiros parece se configurar, ela própria, como uma ação xamânica tradutória, ideia defendida pelo poeta e tradutor brasileiro a partir dos estudos de Eduardo Viveiros de Castro e Pedro Niemeyer Cesarino⁴ e cuja aplicação pode apontar, como sugere Faleiros, um caminho possível para o desenvolvimento de um “pensamiento menos colonizado dispuesto a expandir (...) la propia noción y las propias fronteras de una literatura brasilera y latinoamericana” (FALEIROS, 2019b, p. 10-11).

Partindo do entrelaçamento de dois campos de estudos, o da antropologia e o da tradução, e tendo como guia o pensamento ameríndio, os ensaios de Álvaro Faleiros reunidos em *Traducciones caníbales. Una poética chamánica del traducir* foram publicados originalmente em diferentes revistas do Brasil ao longo da última década e atualizados em *Traduções canibais: uma poética xamânica do traduzir*, edição brasileira, lançada também este ano, pelo selo independente Cultura e Barbárie. Ambas as edições trazem, além dos cinco ensaios que versam sobre tradução – e que se debruçam em práticas tradutórias de autores brasileiros como Haroldo de Campos, Ana Cristina César, Antonio Risério e a portuguesa Maria Gabriela Llansol –, dois textos inéditos: um prefácio de Faleiros e um posfácio assinado pelo antropólogo Pedro Niemeyer Cesarino, que traduziu para o português uma seleção de cantos e narrativas Marubo⁵. O primeiro texto introduz o

¹ Jornalista e escritora. Doutoranda e bolsista CAPES no Programa de Pós-Graduação em Estudos da Tradução na Universidade Federal de Santa Catarina. Mestra em Estudos da Tradução pelo mesmo programa. E-mail: vassia@uol.com.br.

² Tal afirmação se funda na consciência de que nosso Continente é habitado por diferentes nações indígenas, falantes de centenas de línguas oriundas de troncos e famílias linguísticas também diversas.

³ FALEIROS, Álvaro. *Traduções canibais: uma poética xamânica do traduzir*. Florianópolis: Cultura e Barbárie, 2019, coleção Species, 192 p. Para efeito desta resenha, as referências ao ano de publicação das edições em português e espanhol são 2019a e 2019b, respectivamente.

⁴ Sobre tudo as teses de doutorado *Araweté: os deuses canibais* (Rio de Janeiro, Jorge Zahar/Anpocs, 1986) e *Oniska: poética do xamanismo na Amazônia* (São Paulo: Perspectiva, 2011), de Viveiros de Castro e Cesarino, respectivamente.

⁵ A tradução comentada proposta por Cesarino de cantos e narrativas Marubo encontra-se publicada no livro *Oniska: poéticas do xamanismo na Amazônia* (2011), fruto de sua tese de doutorado defendida pelo

leitor ao arcabouço teórico que guia as reflexões de Faleiros e o segundo aborda, a partir da experiência de Cesarino com o universo Marubo, questões pertinentes à tradução – “En efecto, ¿qué se traduce? ¿Cómo? Más específicamente, ¿quién es el responsable de tal proceso? (2019b, p. 110) –, bem como suas relações com as propostas de Álvaro Faleiros sobre o tema. Apresentados como anexos, há também a transcrição araweté, realizada por Viveiros de Castro, do “canto da castanheira” e a retradução para o português do mesmo canto feita por Antonio Risério.

No caso da edição em espanhol, além do conjunto citado acima, foi acrescido ao livro um texto de Martha Lucía Pulido Correa⁶ na contracapa; e uma apresentação assinada pela tradutora, Carolina Villada Castro, para quem a “experiencia de traducción (do livro de Faleiros) tiene la alegría de brotar como un acto de colaboración y amistad”⁷ (FALEIROS, 2019b, p. xvi).

Outro ponto que diferencia as duas edições está nas notas da tradutora. São 35 no total – a maioria informa o leitor de espanhol sobre autores, livros e artigos citados por Faleiros, mas há também as que esclarecem sobre procedimentos tradutórios, como a decisão de traduzir, direto do francês, o poema “Le cygne” (O Cisne), de Charles Baudelaire, no ensaio “La poética multiposicional del traducir en Ana Cristina Cesar”⁸ ou a de fazer duplas traduções (do francês e do português) com intuito de reverberar, no espanhol, as variações propostas pela tradução de Maria Gabriela Llansol a *Les Fleurs du Mal*, de Baudelaire, analisadas por Faleiros no texto “Traducción poética y chamanismo transversal: entre Maria Gabriela Llansol y Charles Baudelaire”⁹. Nesse sentido, e tomando de empréstimo o vocábulo *proliferar*, usado pela tradutora de Faleiros no título de sua

antropólogo brasileiro no Museu Nacional do Rio de Janeiro (Universidade Federal do Rio de Janeiro), com orientação de Eduardo Viveiros de Castro.

⁶ Martha Pulido é tradutora e professora da Universidad de Antioquia, na Colômbia. De 2015 a 2017, foi professora visitante do Programa de Pós-Graduação em Estudos da Tradução na Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC).

⁷ A afirmação de Villada Castro tem raízes na trajetória de pesquisa da tradutora: colombiana, ela morou no Brasil, entre 2014 e início de 2017, e sua dissertação de mestrado, defendida no Programa de Pós-Graduação em Estudos da Tradução da Universidade Federal de Santa Catarina (PGET-UFSC), com orientação de Martha Lucía Pulido Correa, apresenta uma tradução comentada para o espanhol do texto “Apontamentos para uma poética xamânica do traduzir”, de Álvaro Faleiros, bem como traduções indiretas, também para o espanhol, de cantos xamânicos Marubo – originalmente compilados e traduzidos para o português pelo antropólogo Pedro Niemeyer Cesarino. Com o título *O proliferar dos outros: tradução e xamanismo*, a defesa do trabalho, em 2016, contou com a participação do próprio Faleiros na banca de avaliação. Ver: <https://repositorio.ufsc.br/xmlui/bitstream/handle/123456789/175904/345641.pdf?sequence=1&isAllowed=y>

⁸ Em português: A poética multiposicional do traduzir em Ana C. In: FALEIROS, Álvaro; ZULAR, Roberto; BOSI, Viviana (orgs.). *Sereia de Papel: visões de Ana Cristina Cesar*. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2015, p. 173-208.

⁹ “Tradução poética e xamanismo: correspondência entre Llansol e Baudelaire”, em português, foi publicado pela primeira vez em 2014, na *Revista Brasileira de Literatura Comparada* (v. 24, p. 16-32).

dissertação (ver nota 7), parece-me razoável afirmar que a publicação de *Traducciones caníbales. Una poética chamánica del traducir* amplia não apenas o horizonte de leitores como também as diferentes culturas, vozes e línguas que permeiam os textos traduzidos: português, francês, marubo, araweté, espanhol.

Um ponto que vale destacar é o fato dos ensaios terem passado por uma revisão do autor, o que resultou em modificações, algumas delas significantes. É o caso, por exemplo, do texto “Apontamentos para uma poética xamânica do traduzir”, que foi publicado pela primeira vez em 2012¹⁰ e ganhou forma de ensaio final – nas palavras do autor – e novo título: “A poética de Pedro Cesarino: na partilha das águas” (“La poética de Pedro Cesarino: en la división de las aguas”, na edição em espanhol). Sobre a alteração, cito, aqui, a explicação dada por Faleiros em tradução de Villada Castro:

En efecto, desde la publicación de nuestro artículo, el trabajo de Pedro Cesarino pasó por una serie de transformaciones sintetizadas, sobre todo en la publicación de una antología de cantos marubo (Cesarino, 2013)¹¹. No considerar este movimiento de la poética de Cesarino sería reducir un pensamiento en construcción a un único punto, motivo por el que reescribimos nuestro artículo para que tome la forma del ensayo final (FALEIROS, 2019b, p. 8).

Não por acaso, o livro de Faleiros – murmúrio de múltiplas vozes – é como um vento forte que refresca nossa memória latino-americana e nos faz vislumbrar a imensa riqueza de um universo desconhecido, em se tratando de Brasil, para a grande maioria: a complexidade e beleza do pensamento ameríndio e suas cosmologias. Como mostram, por exemplo, os ensaios que reúnem propostas de retradução de cantos araweté¹² e marubo. No caso deste último, vale ressaltar a inclusão, feita pelo autor na versão final do ensaio que trata sobre a tradução de Pedro Cesarino Niemeyer¹³, da proposta de tradução ao espanhol do canto “Pajé Flor de Tabaco” assinada por Carolina Villada Castro¹⁴.

¹⁰ Em *Eutomia. Revista de literatura e linguística*, vol. 1, n. 10, p. 309-315.

¹¹ CESARINO, Pedro Niemeyer. Quando a terra deixou de falar. Cantos da mitologia Marubo. São Paulo: Editora 34, 2013.

¹² “O canto da Grande Castanheira Celeste” (por Kañipaye-ro Araweté) na versão de Faleiros. Texto originalmente traduzido para o português por Viveiros de Castro (ver nota 4) com o título “O canto da castanheira” e retraduzido por Antonio Risério, com o mesmo título, em *Textos e tribos*. Rio de Janeiro: Imago, 1993. A versão de Faleiros encontra-se no ensaio “Emplumando a grande castanheira”, (na edição em espanhol, “Emplumando el gran castaño”, p. 30-52).

¹³ “A poética de Pedro Cesarino: na partilha das águas” ou “La poética de Pedro Cesarino: en la división de las aguas”, na edição em espanhol (p.88-108).

¹⁴ “Pajé Flor de Tabaco” é a versão para o português publicada por Cesarino em *Quando a terra deixou de falr. Cantos da mitologia Marubo*, em 2013. Já a versão para o espanhol integra, originalmente, o trabalho de dissertação de mestrado de Villada Castro (ver nota 7).

Outro aspecto que considero importante destacar do ponto de vista da tradução a qual se dedica esta resenha é o fato de ser ela não apenas uma tarefa tradutória, mas principalmente um desdobramento de pesquisa da tradutora (ver nota 7). Sensível à riqueza das cosmologias indígenas – que de maneira geral apontam para existência de mundos e formas de vida que o olhar do não-índio, pelo menos daqueles que desconhecem as florestas, os povos e seres que nelas habitam, é incapaz de enxergar –, Villada Castro parece experimentar, como tradutora, a aventura de lançar-se na profusão de vozes aparentemente inaudíveis, reverberando-as, depois, no corpo de sua própria língua materna.

Pensando no campo específico dos Estudos da Tradução, ao propor refletir sobre a prática tradutória a partir do entrelaçamento de saberes – do branco, do índio, da academia, das matas –, Faleiros, assim como fez Haroldo de Campos, nos convida a pensar a tradução partindo de propostas genuinamente brasileiras. Acredito que para pessoas da América Latina dedicadas à tradução e/ou à pesquisa no campo dos Estudos da Tradução, sejam elas leitoras do português ou do espanhol, o livro de Álvaro Faleiros se configura como leitura obrigatória. E não somente por propor pensar a tradução a partir da noção de perspectivismo ameríndio, defendida pelo antropólogo brasileiro Eduardo Viveiros de Castro; ou da força e da beleza presentes na figura do xamã e seus rituais, mas, sobretudo, por ter como base desta proposta um entrelaçamento de práticas e saberes – xamanismo, poesia, tradução, canibalismo, literatura, antropologia, antropofagia – que, como aponta Helena Martins na edição brasileira do livro, coloca seu autor em “uma corrente mais ampla, por onde confluem hoje esforços multidisciplinares de abertura aos abalos potencialmente transformadores do pensamento ameríndio, este que vem sendo reverberado de modo notável por antropólogos como Eduardo Viveiros de Castro, Manuela Carneiro da Cunha e Pedro Cesarino” (FALEIROS, 2019a). Uma corrente que, em última análise, parece nos levar ao(s) lugar(es) que, aqui, circunscrevo nos versos de um canto Ashaninka: “*Kāta eroka té pikameta/Naka pero pikowi pini*”¹⁵

¹⁵ No português: Você falou que não sou importante/ Sou importante sim, sabe por quê?. In: SILVEIRA, Vássia Vanessa da. “Na terra de Pawa”. *outraspalavras*, ano I, n. 3, fev/2000, p. 14-16.